

MOMENTO DA PÁTRIA

Cap. J. VENTURELLI SOBRINHO

Hora do Brasil — A “Hora do Brasil” foi indubitavelmente, uma iniciativa das mais propícias dos últimos tempos. Iniciada e terminada pelo Hino Nacional — que é a própria Alma da Pátria em modulações sonoras, assim como a Bandeira é a cristalização simbólica do seu Corpo de Nação — essa hora de espiritualidade é realmente significativa.

O Brasil pós Império, a bem dizer, carecia de brasilidade, mas eis que subitamente o anima um surto de entusiasmo duradouro, que vai difundindo pelas serenas plagas de Vera Cruz as auras de um espírito novo e o sentimento de Pátria é acordado em todos os setôres da América de Cabral.

Fatôr porém, preponderante para a prosperidade desses ventos, que propulsionam a caravela da Pátria, é a “Hora do Brasil” que irradia, por vózes autorizadas, anulando as distâncias, os principios do mais acendrado patriotismo e da mais promissora tarefa de nacionalização.

De tudo, porém, que essa hora de vibração hertziana transmite, o mais expressivo e envolvente é, sem dúvida o Hino pátrio, que, com anímica energia, numa combinação harmônico-melódica de alto poder sugestivo, sacode a Alma Nacional, gravando no sub-consciente de cada um, em doses rítmicas, em lições quotidianas, o sentimento de brasilidade.

Momento da Pátria — Em paralelo a essa obra sublimada, de alto alcance, resta-nos, agora, instituir o “MOMENTO DA PÁTRIA”, o qual, sendo fundamentalmente diverso da “Hora do Brasil”, por seus aspectos “generis”, a éla se paraleliza pela idéa de tempo e de espaço à maior das finalidades, e a éla poderá ser tão eficaz quanto o que os maiorais da campanha promoveram por bem determinar.

E', pois, o que me toca sugerir nestas linhas.

Consiste a essência básica da iniciativa, em fixar-se um momento para a irradiação do Hino Nacional, uma vez única, diariamente, por todas as estações do país, afim de que todo brasileiro válido, de ambos os séxos, se levante ou pare, descobrindo-se os civís e enquadrando-se os militares, num silêncio significativo, em sinal de respeito e veneração à Pátria.

Si de todo não fôr possível consagrar-se para isso um momento especial, seria indicavel mesmo o inicio da Hora do Brasil. E, tambem ,si não fôr praticavel a quotidianidade desse ritual, já seria um grande passo realizá-lo aos domingos e feriados.

Atitude de respeito ao ouvir o Hino Nacional

— Nos limites das minhas atribuições, em treze de junho do expirante, no Boletim Diário n.º 141, da 6.ª Bateria Independente de Artilharia de Córta e Forte Marechal Luz, que comando, recomendei aos meus officiais, sargentos e praças que, nos logares públicos, seria louvável que tomassem a atitude supra citada, quando daquêle tóque, na hora oficial.

Não fôsse a índole humana refratária ao obrigatório, oportuno seria um decreto presidencial regulando a questão.

Necessário, todavia, não se torna tal imposição governamental, de vez que, difundida esta idéa, certo será acatada por todos os compatriotas que bem pesam o valôr de atos dessa natureza.

Atender a tal incitação clarividente, será concorrer para que o povo brasileiro, todos os dias, à mesma hora, conjugue os seus pensamentos numa devoção patriótica de milhões de criaturas nascidas sob o mesmo céu, entrelaçadas pelo mesmo ideal. E, sem desdouro para os estrangeiros, estes seguiriam o exemplo, acompanhando os vernáculos no sinal de respeito, em acatamento à nação que os abriga.

O que, porém, julgo parecer acertado seria tornar-se obrigatório, por qualquer maneira, a ligagem dos radios existentes nos cafés, casas de chá e estabelecimentos congêneres, nessa hora, para tornar-se am-

plo e facilitando o cumprimento desse preceito cívico, de acentuada mística robustecedora dos vínculos nacionais.

Outrosim, tudo nos diz que seria prudente o proibir-se às demais sociedades o irradiarem o Hino Nacional, em outras ocasiões, pois este, pela divulgação excessiva, tem perdido o seu calefriante poder de sugestão, tornando-se até fastidioso aos que não têm a elevada sensibilidade oriunda de um patriotismo ináto. Si, todavia, continuarem, pelo menos deveriam fazer uma pausa sensível após a irradiação do mesmo, para não o profanar com o proseguimento imediato de músicas vulgares, expressões frívolas ou reclamos comerciais.

Sintonização de pensamentos — Do que supponho, não seria, finalmente, por desprezar a idéia de se fazer um estudo pormenorizado, com regulamentação consequente, para que nesse momento de verdadeira religião cívica, todos os brasileiros sintonizassem os seus pensamentos, concentrando-os no ideal comum, qual o de tornarmos cada vez mais poderoso e respeitado este país gigante, que adolece no esplendôr dos organismos sadios e que para todo o sempre deverá ser livre, ombreando-se com as nações pioneiras da civilização e do progresso.

Desse modo, poder-se-ia cogitar da instalação de rádios nas escolas e de altos-falantes nas praças ou pontos principais das cidades, para proporcionar a audição ao público; idem da paralização geral da vida no país em o "Momento da Pátria", "Instante da Pátria" ou "Momento do Brasil", reduzindo-se a execução do Hino a apenas uma parte, afim de não se tornar despensivo, sendo o seu início prenunciado por cirênes, ou outros elementos, quais apitos de fábricas, locomotivas, toques de busíνας, etc., durante uns trinta segundos; bem assim, si não se designar determinada hora exclusivamente para essa demonstração de civismo e amôr pátrio, seria conveniente haver mudança da "Hora do Brasil", para um horário mais próprio, pois o atual coincide, não raro, com os chás-dansantes e outros divertimentos, o que traz quasi sempre desagrado, senão até irritação; e, final-

mente, tratar-se da oficialização do Híno Nacional irradiado uma só vez por dia, para lhe serem tributados os respectivos sinais de respeito.

As autoridades, desde a mais alta, e, sobretudo, ao Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, e à Imprensa, caberia o incentivarem por todos os meios as coletividades ao cumprimento desse dever cívico, de forma a conseguir-se tal objetivo de suma importância, mais por uma compreensão natural do que por força de obrigação.

Para a educação do povo, bastaria determinar-se uma semana preparatória, como a do trânsito, recentemente realizada, em que os ensinamentos seriam transmitidos por altos-falantes.

Imagine-se o espetáculo empolgante que não seria o verem-se as multidões estáticas e os veículos urbanos imobilizados instantaneamente ao estridular das cirénes, em verdadeira simcope nacional, para que, ao meio dia, hora universalmente consagrada para grandes símbolos, toda a nação conciente, em comunhão de pensamento, num irmanar de idéias, numa disciplina coletiva, aos efeitos morais da mística da brasilidade, reverenciasse a imagem da nossa Pátria. E o gesto não seria menos bélo, nem menos expressivo para os que estivessem à mesa, — tábula simbólica de confraternizações.

Um minuto no máximo, ou seja a extensão do toque, duraria essa reverência nacionalizadora. Em certas situações, como nos dias feriados, o Híno seria irradiado em canto e acompanhado pelos presentes, bem como cantado nas formaturas, quer ou não em presença de rádios.

Si houver aceitação, fácil será introduzir-se o ceremonial no seio do Exército e da Armada, forças policiais, bombeiros, escolas e repartições públicas em geral. E, com a continuação, estendendo-se à maioria, os compatriços esclarecidos, dando o exemplo, arrastariam os abstratos ou refratários, vendo-se até na obrigação moral de alertar os renitentes, ou ignorantes da instituição.

A religião da Pátria — Observada a psicologia das condições, fácil será conduzir o problema a uma resolução sem obstáculos.

Desde que se determine e fixe em lei o MOMENTO DA PÁTRIA, todos os mananciais de nacionalismo existentes continuarão em relativa estabilidade, apenas em ligeiras modificações, não sendo assim prejudicada em seus aspectos fundamentais a Hora do Brasil.

E para que toda a Nação interessada cumpra esse preceito de elevado patriotismo, não será imprescindível a audição do Hino Nacional, porquanto nada impedirá que, no instante determinado, todos se habituem a cumprí-lo, tomando a atitude indicada e depondo o pensamento num como rito devocional, pois a religião da Pátria, como todo culto, deve ser antes de característico que exterior.

Nas corporações militares, quando se der a inexistência de raios, as bandas, principalmente nos dias feriados, diante da Bandeira, formada a tropa, poderão suprir essa falta, tocando: a de música, o Hino Nacional cantado por todos, e a de clarins ou corneteiros, a marcha-batida.

A atitude será geralmente tomada onde se encontrar o individuo não sendo preciso formaturas, nem mesmo o tóque do Hino, no caso de impossibilidade, bastando um sinal de atenção qualquer, como tóque de cornetas, vózes, ou ainda apenas a lembrança da hora convencional.

Quão bello não seria, e que confortador para o viajante solitário, que na quietude das estradas, se recolhesse para si mesmo, para cumprir, livre de exterioridades, ou sem obrigação imposta pela presença de outrem, o seu dever de cidadão, concentrando-se à hora meridiana em um minuto brasileiro.

Si chegarmos a um ponto em que praticamente todo o país siga o ritmo dessa manifestação de respeito e exaltação à máxima Entidade, a compreensão da Pátria será de uma expoência considerável, e a defesa da soberania, instituições e integridade, constituir-se-á

num baluarte dos mais autênticos e inabaláveis nos
tantes críticos.

Hoje, como nunca, mistér é pois cooperarmos
ra o bom êxito da Causa Nacional, lembrando-o
que toda parcéla de brasilidade que colhermos na s
do Ideal Magno, será um afluente a mais aument
o caudal de entusiasmo e civismo que desperta o
sil, a rasgar-lhe, em progressão geométrica, os hori
tes inódicos dos seus grandes destinos.

Assim, pois, eu me encorajo a gritar como o g
de Soldado, exortando a acompanhar-me nessa i
todos os que nasceram sob o signo do Cruzeiro; e
o Oyapóck e o Chuí, entre as fronteiras hispano-a
ricanas e o Oceano Atlantico; eu incito, eu brado, c
Caxias, o bravo de Itororó: — “Sigam-me os que fô
brasileiros”!
